

OLHARES DOCENTES

Breves observações sobre as relações entre Identidade e Literatura Moçambicana¹

Rosangela Aparecida Marquezi

*Graduação Em Letras Português/Inglês – Mestra em Educação
Docente do Ensino Superior - UTFPR / Campus Pato Branco*

Em todos os países pertencentes aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) não há como dissociar a literatura do projeto de nação. Ela está intrinsecamente ligada à formação da identidade desses países, sendo responsável, inclusive pela tomada de consciência dos colonizados em relação ao colonizador. Esta característica – que é a ligação entre literatura e projeto de nação – pode ser muito bem observada ao se analisar, por exemplo, a história da literatura moçambicana, em que os textos produzidos pelos autores deste país trazem marcas do seu passado colonial e do seu presente recente de libertação.

O escritor Domi Chirongo – em um documentário produzido por Yana Campos, “Vozes de Moçambique” (2010) – chama a atenção para o fato de que até se pode escrever em português no seu país, mas nunca se deve deixar a africanidade de lado, porque é ela que marca a identidade dos moçambicanos. Neste mesmo documentário – que é importante subsídio para professores, tanto do Ensino Médio quanto do Superior, no trabalho com os alunos – vários outros escritores se posicionam quanto ao que entendem dessa identidade africana presente nos seus escritos.

Dentre essas diversas vozes, citamos a de Mia Couto – talvez o mais conhecido escritor moçambicano no Brasil – que faz questão de ressaltar que o país apresentado nos seus livros é o “meu Moçambique”, ou seja, é a visão dele sobre o seu país. E essa observação é muito importante, afinal, como bem afirma Leonardo Boff (1997), “Cada ponto de vista é a vista de um ponto e cada cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”.

E se a vista de cada ponto é importante, não há como deixar de observarmos que as dores sentidas pelo povo moçambicano estão representadas nos seus escritos, principalmente nas suas poesias. O professor e poeta Sangare Okapi bem retrata essa conexão quando fala, por exemplo, da importância do mar nos seus versos (e de outros poetas também). Para Okapi, o mar para os africanos

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

“[...] é aquela estrada que muitos chegaram do Oriente e partiram com baús fartos e muitos partiram para o resto do mundo” (CAMPOS, 2010, 4min2s), ou seja, ele – de forma sintetiza e até poética – retrata a invasão do seu país, o roubo de suas riquezas, e a escravidão a que a África foi submetida.

Desde o período das grandes navegações, passando pela Conferência de Berlim (1844-1885), quando se dividiu a África entre as principais potências europeias da época, percebe-se que o que está acima de tudo, inclusive da vida, é o poder econômico. Ao se colocar os interesses econômicos acima do valor da vida humana, ocorre nos países colonizados da África, como bem observam Kaczorowski e Fujisawa (2016, p. 173), uma “[...] negação da humanidade do colonizado [...]”. Essa negação dura muito tempo, tendo em vista que os países africanos de língua portuguesa tiveram sua independência apenas na década de 1970, o que – na história – é um tempo muito próximo ao que vivemos.

E é somente a partir da metade do século XX que esses países começam a – na literatura – libertar-se do seu colonizador. Em Moçambique, por exemplo, vão começar a surgir os primeiros brados de libertação com os movimentos do nacionalismo e da negritude, na década de 1960. Rui de Noronha, um dos precursores de uma poética libertadora, é “[...] imperativo ao afirmar que a África deve caminhar sobre suas próprias pernas, sustentando uma nova voz” (KACZOROWSKI; FUJISAWA, 2016, p. 176), como bem observamos nos versos do seu poema *Surge et ambula*:

Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno...
Ouve a Voz do teu Progresso, este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz-te: —África, *surge et ambula!*

Esta expressão latina, *Surge et ambula* (Levanta-te e anda), usada pelo poeta e que é a mesma utilizada por Jesus Cristo, no evangelho de Mateus (9:5), para curar um paralisado, mostra que o poeta está cansado de ver a África subjugada ao seu colonizador. Ele clama que ela se levante e ande e mostre toda a sua vida e potência. É o incitamento a uma busca por romper definitivamente com o país que lhe colonizou – no caso de Moçambique, Portugal. Campos (2015, p. 3), em artigo intitulado “Anticolonialismo, literatura e imprensa em Moçambique”, afirma que:

A luta contra a dominação estrangeira e pela afirmação de uma identidade nacional efetuada pela literatura passa necessariamente pela retomada das referências do passado. Os intelectuais dos países sob o jugo do colonialismo europeu buscaram formas de combater a imagem estereotipada em que eram representados. A descaracterização da imagem forjada pelo opressor se dá por intermédio de uma “recuperação” e valoração da história que fora negada, distorcida, inventada pelo colonizador.

Nesse sentido, entendemos que para se levantar e andar, é necessário que vozes se levantem para combater os pré-conceitos que existem em relação à África. É mister este continente olhe para a sua própria história para que ela seja

contada agora pelo olhar do colonizado e não do colonizador. Nenhuma literatura que se quer libertadora é possível sem que haja essa leitura ou releitura do caminho já percorrido. E a importância dos intelectuais, dentre eles os escritores, nesse momento, é primordial, pois são eles que detêm um conhecimento mais elaborado da língua do colonizador o que lhes permite a utilização desta em seus versos de forma a ser denúncia e bandeira para um novo tempo.

Díaz-Szmidt (2010), ao discutir sobre a formação da identidade e da moçambicanidade na literatura pós-colonial, nos ajuda a compreender que a construção dessa identidade passa pela busca da cultura própria do país e não mais pelas tradições dos colonizadores. Paulina Chiziane (1999, p. 267, apud Díaz-Szmidt, 2010, p. 8), uma das mais importantes escritoras moçambicanas, assim se expressa em relação à essa ideia:

O povo perdeu a ligação com a sua história. As religiões que professa são importadas. As ideias que predominam são importadas. Os modos da vida também são importados. O confronto entre a cultura tradicional e a cultura importada causa transtornos no povo e gera a crise de identidade.

Percebe-se, por fim, que a questão da busca da identidade do povo moçambicano passa pelo entendimento de que ali é “[...] um espaço de coexistência de distintos modos de vida” (DÍAZ-SZMIDT, 2010, p. 11). Para os escritores, entender e aceitar essas distinções – em que ocorre um entrelaçamento das culturas ocidentais (europeias, na sua grande maioria) e da africana tradicional – é o caminho para a construção de uma escrita que, sem deixar de ser na língua dos colonizadores, seja reconhecida como africana.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CAMPOS, Josilene S. Anticolonialismo, Literatura e Imprensa em Moçambique. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439765325_ARQUIVO_TextocompletoANPUH.pdf>. Acesso em 9 mar. 2019.

CAMPOS, Yana. **Vozes de Moçambique**. 2010. Documentário filmado em Moçambique e Brasil. Direção: Yana Campos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nEp4aHhwdtE>>. Acesso em 9 mar. 2019.

DÍAZ-SZMIDT, Renata. **O legado tradicional africano e as influências ocidentais**: a formação da identidade e da moçambicanidade na literatura pós-colonial de Moçambique. CIEA7#21, Literaturas Africanas entre Tradiciones Y Modernidades. Repositório do ISCTE-IUL. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2322>>. Acesso em 9 mar. 2019.

NORONHA, Rui de. **Os Meus Versos**. Maputo: Texto Editores, 2006.

KACZOROWSKI, Jacqueline; FUJISAWA, Mariana. Literatura e sociedade em Moçambique: breve panorama histórico. **Cadernos CERU**, v. 27, n. 2, p. 171-184, 28 dez. 2016.